



Prometes AMAR-ME?

Romance

BESTSELLER INTERNACIONAL

MONICA MURPHY

*Autora de Uma Semana para Te Amar
e Vou Amar-te para Sempre*

TOP
SEL
LER

Prólogo

Não quero deixá-la partir.

Ela vai deixar-me e eu não suporto a ideia. Tenho passado despreocupadamente pela vida, reconfortado por saber que ela estará sempre presente para mim. A trabalhar comigo, a viver comigo, a falar comigo, a rir-se comigo e, às vezes, naqueles raros momentos em que não conversamos, tarde, já muito tarde, quando estamos sós, a chorar comigo.

Deitada na cama, na minha cama, enroscada em mim como uma videira enrolada à volta de uma treliça. As mãos no meu cabelo e a sua respiração no meu pescoço, fazendo-me sentir tão vivo que lhe quero dizer como me sinto. Dizer-lhe o que ela me faz sentir.

Mas nunca tive a coragem de o confessar.

Agora, vai-se embora. Quer liberdade, diz ela. Como se eu a tivesse estado a impedir, a prender. Fico ofendido, quando sei que não devia estar. Não é ingrata. Reconhece tudo o que fiz por ela. E fiz muito — provavelmente demais.

A culpa consome-me por dentro. Comecei a fazer tudo por ela por causa daquela sensação de culpa. Em boa verdade, a culpa de ela ter deixado a família foi minha. É minha culpa que acabasse sozinha, sem ninguém, a lutar para sobreviver, sujeitando-se a coisas que nenhuma mulher devia ter de fazer. Até que voltei a cair de para-quedas na vida dela, qual Príncipe Encantado no meu corcel, salvando-a do pântano onde se encontrava.

À medida que o tempo passava, a culpa transformou-se lenta mas inexoravelmente noutra coisa.

Em algo bem real.

Tenho de ser honesto e dizer-lhe o que sinto. Preciso dela. Desesperadamente. Perdê-la seria perder uma parte de mim próprio. Não posso arriscar. Acho... Bolas, tenho a certeza de que estou apaixonado por ela.

Mas sou o último homem com quem ela devia ficar. Tenho o condão de fazer mal àqueles de quem me sinto mais próximo. Não posso fazer-lhe o mesmo a ela, de maneira nenhuma.

Mas também não a posso deixar ir-se embora.

Capítulo 1

Jen

— Então, porquê uma borboleta?

Inclino-me para a frente, com o peito esmagado contra as costas da cadeira. Parece que já aqui estou sentada há horas com uma agulha a picar-me constantemente a pele sensível da parte de trás do pescoço. O zunido da agulha enche-me a cabeça, obliterando todo o barulho caótico que costuma ocupá-la.

Prefiro de longe aquele zunido incessante. É mais fácil lidar com ele do que com a miríade de perguntas e preocupações que me passam pela cabeça.

— Ei, Terra chama Jen.

A Fable agita a mão à frente da minha cara e estala os dedos duas vezes. Que fedelha... Quem me dera poder dar-lhe um estalo, mas estou demasiado ocupada a agarrar os meus joelhos, como uma piegas.

— O que foi? — digo eu com os dentes cerrados, estremeçando quando a agulha toca numa parte mais sensível.

Mas quem estou eu a tentar enganar? *Todas* as partes são sensíveis. Já está na hora de enfrentar a realidade. Sou uma fraca. Achei que fazer uma tatuagem ia ser canja. Já suporrei muita dor emocional na vida, mas não física. Afinal, o que é uma hora sentada numa cadeira debaixo de uma agulha?

Bom, acabo de descobrir que é um belo bico de obra, tendo em conta que dói que se farta e que tenho de reunir todas as minhas forças para suportar tudo isto.

«Reunir todas as minhas forças»: um disparate que a minha mãe costumava dizer. No tempo em que ela era feliz, não tinha preocupações de maior e a nossa família estava unida.

Agora está desfeita e cada um está para o seu lado. Não falo com o meu pai. A minha mãe só me telefona quando está a chorar e com os copos.

É uma treta. Foi por isso que tive de me afastar da minha família. Agora tenho outras razões para querer sair daqui.

— Gostava de saber porque escolheste uma borboleta para a tatuagem. Qual é o significado por trás disso? — pergunta a Fable, parecendo irritadíssima comigo embora esteja a sorrir, por isso sei que não está. Veio comigo à Baixa, à Tattoo Voodoo, a lojinha que recomendou para fazermos as tatuagens.

Também fez uma, mas ela já está despachada, pois foi só uma linha escrita numa letra elegante e simples. Uma tatuagem-surpresa para o namorado dela, ou noivo, ou o que lhe quiserem chamar, embora, se tivermos em conta que não tiram as mãos de cima um do outro, me pareça que ele vai descobrir a «surpresa» não tarda nada. O Drew Callahan está tão apaixonado por ela que até enjoa.

Mas, ao mesmo tempo, é amoroso. Super, superamoroso, especialmente porque é um verso de um dos poemas que ele lhe escreveu e que a fazem desfalecer em êxtase. E nada faz aquela rapariga desfalecer. Ela é bem rija. Tem de ser, com as coisas por que a vida a fez passar.

Eu devia aprender umas coisas com ela. Sou demasiado mole. Deixo as pessoas entrar.

E depois pisam-me de todas as maneiras. Ou, pior ainda, ignoram-me completamente.

— A liberdade — digo-lhe finalmente, expirando ruidosamente quando o barulho da agulha para e sinto o toalhete a passar na minha pele acabada de tatuar. — Estou pronta para me libertar deste casulo asfíxiante a que chamo vida e encontrar o meu próprio caminho em vez de depender das outras pessoas. Uma borboleta representa isso perfeitamente, não achas?

Quase consigo saboreá-la. A liberdade. Sempre dependi demasiado dos outros. Dos meus amigos. Da minha família. Especialmente do meu irmão, de quem já não posso depender, uma vez que ele se foi embora há uns tempos. Posso ter fugido daquela vez e tentado safar-me sozinha, mas falhei.

Estrondosamente.

Mas desta vez não. Planeei bem as coisas. Poupei dinheiro. Desta vez, tenho um plano.

Mais ou menos.

— Achas mesmo que ir embora é o melhor para ti? — pergunta a Fable com uma voz incrédula e olhos... tristes. É a minha melhor amiga, a primeira verdadeira amiga que tive desde que virei costas à minha antiga vida. Mas mesmo ela não sabe tudo. Nunca mais olharia para mim da mesma maneira se soubesse. — Queres ir-te embora por causa do que te aconteceu antes?

Assentindo, estremeço quando o tatuador — o Dave — me passa o pano pela pele outra vez.

— Já está — diz ele de forma prática.

— É, não posso dizer que o meu passado não esteja relacionado com a minha decisão. — Conte à Fable grande parte do que aconteceu quando trabalhava no Gold Diggers, aquele clube de striptease de quinta categoria dos arredores da cidade. A minha família não sabe e obriguei o Colin a jurar segredo sobre isso. A versão oficial é que eu era empregada de mesa. A verdade é que eu fazia striptease.

Um segredo que mais ninguém pode saber, no qual não consigo pensar e que muito menos consigo admitir.

— Todos temos um passado mais ou menos obscuro — lembra a Fable. Ela tem um bem negro, apesar de ninguém lho lembrar. O Drew não o permite.

— Eu sei. É só que... não posso ficar aqui para sempre. Ainda que queiras que o faça — murmuro eu, lançando um olhar suplicante na direção da Fable. Não quero ouvir o sermão outra vez, especialmente em frente do nosso novo amigo Dave. Acho que não suporto. Sei que não faz por mal, mas as palavras que diz quase me convencem a ficar cada vez que as oiço.

— Não sou a única a querer que fiques — faz notar a Fable, de sobranceira erguida, com uma expressão cúmplice.

A frase não precisa de resposta. Sei a quem se refere. Por ele eu nunca me iria embora, mas ainda nem sequer o inteirei das minhas intenções. Vou-lhe dizer esta noite.

Espero.

É com ele que vivo, com quem trabalho. Faz tudo isso sem condições, ou assim o diz. Acredito nele. Mesmo. Uma parte profunda e secreta de

mim gostaria que *houvesse* condições. Muitas condições que me ligassem a ele, que nos unissem até que ficássemos tão ligados que nos tornássemos uma única palavra longa. Não só Jen. Não apenas Colin.

Jen-e-Colin.

Mas isso é impossível.

Por isso, se não o posso ter — e, na verdade, não o devia querer ou ter-me permitido tornar-me completamente dependente dele durante demasiado tempo —, então vou procurar a minha liberdade completa.

É estúpido e arriscado e tão assustador, mas... tenho de o fazer. Os acontecimentos recentes empurraram-me para isto. O meu passado visitou-me na forma de um cliente no The District há apenas algumas noites. Ele entrou no bar e pediu uma bebida. Felizmente, consegui evitá-lo e ele saiu sem incidentes.

Mas algo de semelhante pode voltar a acontecer. Ter o homem ali à minha frente foi um lembrete de que não posso fugir ao passado. Não quero que o Colin saiba o que fiz. Ele deixaria de gostar de mim. Passaria a olhar-me de outra maneira.

Acho que não ia conseguir aguentar isso.

Precisando desesperadamente de mudar de assunto, pergunto:

— Que tal?

A Fable inclina a cabeça, examinando a tatuagem na parte de trás do meu pescoço.

— É linda. Mas nunca vais conseguir vê-la.

— Já ouviste falar em espelhos? — Pego no que o Dave me passa, olho para ele e vejo o meu reflexo no espelho que cobre toda a parede. O meu cabelo comprido está apanhado num carrapito frouxo na parte de cima da cabeça, revelando-me o pescoço, a pele vermelha e a borboleta.

É um desenho delicado em suaves tons de azul e preto, dando a sensação de poder bater as asas e voar para longe da minha pele. Se já gosto assim tanto dela agora, imaginem como ficará fantástica quando a pele tiver sarado.

— Adoro — digo eu enquanto entrego o espelho ao Dave, que o coloca no balcão ao seu lado.

— É bonita — concorda a Fable com um sorriso. — Estou orgulhosa de ti, Jen. Sei que estavas receosa de cá vir.

Em pânico, mais precisamente, mas agora estou orgulhosa. Consegui. Fiz uma tatuagem e não chorei nem saí da loja a correr quando

o corpulento Dave se preparava para me enfiar a agulha na pele, algo que eu temia poder fazer. Parece estúpido estar orgulhosa de uma coisa tão simples. Se a minha mãe algum dia a vir, vai-se passar. O meu pai vai pensar que sou uma vagabunda ordinária — palavras dele, não minhas. Não que tencione vê-los tão depressa. Não quero voltar e eles também não estão propriamente de braços abertos à minha espera. Acho que estão quase contentes de se terem visto livres de mim. Eu era um fardo.

Tenho a impressão de que o Colin também não vai gostar da minha tatuagem. Mas não a fiz para ninguém. Só para mim.

O Dave põe-me então um penso na minha tatuagem fresca, recitando a ladainha dos cuidados a ter num tom monocórdico, como quem já o disse um milhão de vezes. E provavelmente já disse. Entrega-me uma folha de papel com uma lista de instruções e eu olho para ela sem chegar a assimilar as palavras. O meu cérebro está demasiado ocupado com as pessoas da minha vida a quem gostaria de agradar, raramente com sucesso.

Perseguem-me como fantasmas, instalaram-se na minha cabeça e não há maneira de os tirar de lá. Até o Colin por lá anda, o que é um disparate, tendo em conta que vivo com o homem.

O telemóvel da Fable toca, e, pelo sorriso que se lhe estampa na cara quando olha para o telemóvel, sei que é o Drew. Observo-a enquanto se afasta para falar com ele em privado e a inveja aperta-me o coração, fazendo-o doer.

Eu quero aquilo, embora nunca o vá admitir em voz alta, e de certeza que não o admito perante a Fable. Amor incondicional, um homem que faria fosse o que fosse — qualquer coisa mesmo — para garantir a minha felicidade. Sentir-me segura. Protegida. Amada.

Para ser totalmente franca, gostaria que acontecesse o mesmo com o Colin.

Ele age como se quisesse mais, mas depois recua sempre. Já partilhei mais momentos íntimos com ele do que com qualquer outra pessoa em toda a minha vida. Já dormi na cama dele. Já me segurou nos seus braços. Já me beijou... mas nada mais do que o tipo de beijo que um irmão deposita na face ou na testa da irmã.

Prova de que essa será a única maneira como ele vai sempre pensar em mim. Eu e o Colin crescemos juntos. Bem, eu, o Colin e o

Danny. O meu irmão e o Colin eram os melhores amigos um do outro. Iam entrar para a Marinha juntos, mas, não sei como, o Danny foi o único que conseguiu entrar. Depois foi para o Iraque.

E nunca mais voltou.

Ele é o fantasma que mais volteja na minha cabeça, embora não me julgue nem me faça sentir mal. Não é bem isso. É mais do tipo irmão mais velho que me recorda, por vezes, que as escolhas que faço não são sempre as melhores. Se ele soubesse tudo, nunca me perdoaria.

Além disso, também me faz sentir culpada por ter certos... sentimentos pelo Colin. Questiono-me sempre se o Danny aprovaria. Será que ia querer que eu andasse com o Colin? Ou será que faria tudo para que eu e o Colin nunca ficássemos juntos?

Não interessa. O Danny não está cá, e eu e o Colin nunca vamos estar juntos. Independentemente de quanto eu o queira, ele não quer. Não quer, a sério. Gosta de me ter por perto. Gosta de contar comigo como uma espécie de muleta para ele quando as suas emoções, os seus demónios, se descontrolam.

Mas não me quer. Não me quer da maneira que mais importa. Da maneira que eu quero que ele me queira.

Por isso, é melhor esquecer essa história.

Hoje à noite vou dizer ao Colin que vou deixar o trabalho daqui a um mês. É tempo mais do que suficiente para ele encontrar uma empregada de mesa para me substituir. Também é tempo mais do que suficiente para eu encontrar um novo apartamento, um novo emprego e uma vida nova numa cidade diferente. Já sei exatamente para onde vou, por isso, não é como se estivesse a navegar à bolina e a mudar a minha vida toda por capricho.

Bem, mais ou menos. Sempre fui uma pessoa impulsiva. Já tive problemas por causa disso no passado. Espero que não me traga problemas desta vez.

O Colin vai ficar zangado por me ir embora, mas pode ser, não sei, que a tatuagem me dê força. Que me lembre que o que estou a fazer está certo. Tenho de ir. Preciso mesmo de aprender a viver a minha vida sozinha, não aquela infantilidade de fugir e viver no carro como fiz da última vez. Agora estou mais velha. Abri os olhos. Tenho mais experiência.

Preciso de voar e ser livre.

Colin

O restaurante está a ir bem. É o fim de agosto e os estudantes estão de volta a sério, o que quer dizer que o The District está outra vez em grande. O bar está apinhado, o meu pessoal anda numa roda-viva e a cozinha não para de preparar entradas, pratos gigantes a serem levados para fora uma vez e outra, já que parece que nenhum dos clientes quer uma refeição completa esta noite.

Todos querem beber. Ora comemorando o regresso às aulas, ora afogando as mágoas em álcool por... as aulas começarem outra vez.

Não quero saber qual das razões é. Desde que comprem bebidas e deixem boas gorjetas para o pessoal que se esfolia a trabalhar, fico satisfeito.

— Olha, tu és o dono, não és?

Levanto os olhos e vejo uma rapariga bonita à minha frente com um sorriso cheio de esperança no rosto. Talvez queira um emprego. Acabei de contratar uma nova empregada na semana passada, por isso, neste momento, não procuro ninguém, mas dou sempre formulários de candidatura. Nunca se sabe quando se perde alguém, e um bom empregado é difícil de encontrar.

— Sou — digo eu, absorvendo-a com o meu olhar. Para a ver bem.

É atraente. Não é linda de morrer, mas também não teria de lhe pôr uma bandeira na cabeça enquanto a despachava por patriotismo. Gosto da maneira como olha para mim.

Por isso, devolvo o olhar.

— Bem me parecia. — Dá um passo para a frente, encostando os braços no balcão dos empregados, erguendo os seios que ameaçam transbordar do top apertado. Tem um peito enorme. Tenho uma obsessão por peitos grandes, mas mantenho o foco no rosto dela o máximo que consigo, com o horário de amanhã esquecido na mão. Já são quase 23h00 e a cozinha acabou de fechar, o que quer dizer que posso sair daqui se quiser.

Mas não saio. A Jen trabalha até à meia-noite, por isso vou esperar por ela e dou-lhe boleia para casa. Como sempre. Faça seja o que for para passar o máximo de tempo possível com ela.

— Estás à procura de emprego? Não temos vagas disponíveis, de momento. — Finalmente cedo e deixo o olhar cair, estudando-lhe abertamente o decote. Já lá vão uns tempos. Bolas, a sério, nem me consigo lembrar da última vez que dei uma queca. E no sítio onde trabalho, com o movimento infundável de mulheres que entram aqui diariamente, não estou a ser cretino quando digo que podia dar uma quando quisesse.

Não é arrogância, só estou a constatar um facto.

Continua sem me responder.

— Vou-te dar um formulário de candidatura. — Baixo-me e levo a mão ao monte de formulários de candidatura que está na prateleira quando a miúda começa a rir-se e abana a cabeça.

— Não estou interessada num emprego. Estou interessada em *ti* — diz ela diretamente.

Pisco os olhos, endireito-me e estudo-a. O sorriso que lhe curva os lábios brilhantes cor de pêssego é pudico, o olhar é escaldante. Como se estivesse completamente interessada no que está a ver.

As mulheres raramente me deixam sem palavras, mas ultimamente não sou eu próprio. Apesar da minha hesitação, apesar de não querer desiludir a única mulher que significa tudo para mim, também gosto do que está à minha frente.

Já fui para a cama com muitas mulheres, e esta parece-me madura e pronta. Cheira bem, tem bom aspeto, e o brilho nos seus olhos é tentador. Convidativo.

Não sou santo nenhum. Há quem me possa chamar garanhão, embora isso seja mais do meu passado. O que posso fazer? Gosto de mulheres e elas costumam gostar de mim. Não sou estúpido. Esta minha cara laroca já me meteu em sarilhos. Tanto dos bons como dos maus.

Só uma mulher é interdita. Posso ser um cretino, mas pelo menos tenho uma réstia de escrúpulos dentro de mim. Além disso, tenho de ter algo intocável e sagrado no mundo, não é? É ela. A rapariguinha doce que conheci quando éramos crianças. A bonita adolescente para quem tentava não olhar por medo de que percebesse que estava a imaginar coisas com ela.

A mulher que me nego a ter algum dia. Somos amigos e é só isso o que podemos ser. Tenho medo de arruinar a nossa relação se

for mais do que isso. Preciso mais da amizade do que desejo o seu corpo.

Bem. É como quem diz...

Pensar nela faz-me o coração e a libido desacelerarem, e o meu interesse por esta mulher que tenho à frente esmorece e é levado pelo vento como uma folha morta, seca.

Só é preciso isso. Penso na Jen, e acabou-se.

— Hmm, sinto-me lisonjeado, mas... — Passo a mão pelo cabelo, pensando na melhor maneira de a rejeitar sem a magoar. Nunca tive de fazer isto antes. Quando uma mulher está interessada, costumo deixar que aconteça. Deixo-a entrar. Não completamente, mas o suficiente para que ambos tenhamos o que queremos.

Não deixo ninguém entrar completamente. A Jen é a única que algum dia se aproximou. Contudo, continuo a mantê-la a uma certa distância a maior parte das vezes. Com exceção daqueles momentos calmos e íntimos às escuras, quando o desespero ameaça esmagar-me e ela entra furtivamente no meu quarto para me confortar.

Esses momentos, guardo-os para mim. Nunca falámos sobre eles. São como que o nosso segredinho da vergonha.

— Tens namorada, é? — A mulher ri-se, levantando a cabeça. Tem cabelo loiro-escuro, com caracóis perfeitos que lhe caem por cima dos ombros. A maquilhagem é subtil; a roupa, provocante. Há alguns meses, teria sido o meu género. Uma hora depois deste encontro, se não fosse mais cedo, já a teria nua nos meus braços e eu estaria enterrado nela.

Mas o sexo casual já não me atrai. E a mulher que quero não posso ter. Correção: não me permito tê-la. Por isso, em vez de a ter nua nos braços e de estar dentro dela como desesperadamente desejo, sofro. Como um verdadeiro mártir.

Ou, se calhar, como um verdadeiro imbecil.

Pigarreio e decido ser honesto.

— Eu...

— Tem. — A Jen aparece ao meu lado como se eu a tivesse invocado por artes mágicas, feita de fumo e espelhos e tanta beleza que até dói só de olhar para ela. Enrola um braço terno à minha volta, com os dedos pousados nos meus bíceps, e a minha pele arde onde

ela toca. Aconchegando-se contra mim, aquele seu corpo sensual e magro cola-se ao meu, fazendo-me suar, fazendo a minha pele contrair-se. Está com um sorriso misterioso e um olhar desafiador naqueles seus olhos castanho-escuros que faria deter até a fêmea mais agressiva do planeta.

O olhar diz claramente: «Toca a andar. Ele é meu.»

Quem me dera.

— Desculpa. — A rapariga não parece nada arrependida quando abre caminho para longe do balcão e desaparece, abanando a cabeça.

— Não queria pisar os calos de ninguém.

— Continua a andar. Não há nada para ti aqui — diz-lhe ainda a Jen à medida que a miúda desaparece no meio do bar. Depois relaxa imediatamente a mão que me agarra o braço, afasta-se e sinto profundamente a perda. — Céus. Não te fartas disto?

— Farto-me do quê? De as mulheres se fazerem a mim?

Em tempos vivia para isto todas as noites. Namoriscar, beber, estar rodeado de mulheres bonitas — todas me ajudavam a esquecer o que tinha feito. A maneira como tinha desiludido uma família inteira. A maneira como tinha abandonado o meu melhor amigo e ele tinha acabado por morrer. Sobretudo a maneira como desiludi esta miúda que está à minha frente.

Culpa minha. Tudo.

— Sim. — Parece irritada, mas tem um aspeto sensual. O vestido preto simples que usa acentua-lhe as curvas, cobre-lhe cerca de metade da coxa e expõe aquelas suas pernas sem fim. Pernas que eu gostaria de ver nuas. Imagino-me a agarrar-lhe as coxas finas e passá-las em volta da minha anca. — Há vinte minutos que ela te anda a fazer o cerco como se fosse um tubarão e tu és sangue na água.

Eu não tinha notado nada. Serei um idiota por gostar do facto de a Jen ter reparado? Este assomo de ciúme é novo. Quem me dera saber o que o motivou.

— Eu havia de tratar do caso.

— Fazendo o quê? Convidando-a para ir a tua casa?

Olho em volta e fico contente por já não haver ninguém no restaurante. Os restantes clientes já foram para o bar. Não gostaria que ninguém assistisse a esta conversa, especialmente os meus empregados. Os boatos no The District já são suficientes. Eu e a

Jen não precisamos de pôr mais lenha na fogueira. Já falam de nós. Questionando-se acerca de que diabo andamos a fazer, se estamos juntos, se não estamos. A especulação constante é cansativa.

— Não faço isso. Se lá estiveres, não faço — digo eu finalmente, quando o meu olhar encontra o dela mais uma vez. — E, já agora, desde quando é que te importas com isso?

Pergunta errada. Parece pronta a explodir — para cima de mim.

— Então ias levá-la para casa se eu não estivesse lá? É isso o que estás a dizer? Caramba, és mesmo parvo — murmura ela, indo-se embora.

Sigo-a e o meu olhar está focado na parte da trás da sua cabeça. O seu cabelo castanho comprido está caído esta noite, mas, quando mexe a cabeça, vejo a ponta de um penso branco a espreitar entre as madeixas sedosas.

— O que te aconteceu?

Olha por cima do ombro com um olhar ferido.

— Como assim?

— O penso. — Agarro-a pelo braço e faço-a parar. Quase tropeça naqueles sapatos de salto alto que traz calçados, e agarro-a com mais força para a manter direita. — Magoaste-te?

Leva a mão que está livre ao pescoço, esfregando a parte de trás de forma envergonhada e franzindo a sobrancelha.

— Eu... hum... Não é nada.

Cruzo os braços em frente ao peito e impeço-a de me descartar. Conheço aquele olhar. Está pronta para fugir. Uma coisa que ela sabe fazer muito bem.

— Estás a esconder-me alguma coisa.

— Não quero fazer isto aqui. — Expira violentamente e pergunto-me de que raio está ela a falar. — Podemos conversar quando chegarmos a casa?

— Conversar sobre o quê? — Estou confuso. Aonde é que ela quer chegar com isto?

A Jen liberta-se com um safanão da minha mão e levanta os braços no ar com força, com a palavra *frustração* escrita no seu adorável rosto.

— Muito bem. Vamos lá, então. Tenho de te informar, Colin. Vou-me embora.

Capítulo 2

Colin

— Vais-te embora? De que é que estás a falar? — Estou a gritar. Noto que ela estremece e aperto os lábios, sentindo-me um cretino. Mas as palavras dela põem-me a cabeça a mil e faço os possíveis por me controlar.

A Jen não pode ir-se embora. Trabalha aqui há quase um ano. É uma das minhas melhores empregadas. Isto, especialmente o bar, corre muito melhor quando ela cá está.

Mas não é por isso que não quero que se vá embora.

— Não posso continuar aqui. — Olha à volta do restaurante vazio, com os dedos a enrolarem-se à volta da parte de trás do pescoço, brincando com a ponta do penso misterioso. — Considera isto o meu aviso generoso de quatro semanas. Assim vais ter tempo para me substituir.

Não sabe ela que é insubstituível?

— Arranjaste outro emprego?

É a única explicação. E, se detestava assim tanto trabalhar aqui, gostaria que mo tivesse dito. Podia ter feito algo para tornar as coisas melhores para ela.

Mas o quê? Que mais posso fazer?

Lentamente, abana a cabeça.

— Vou-me embora.

Mas o que é isto?

— Vais voltar para casa?

Parece-me improvável, mas pode ser que esteja finalmente preparada para ver a mãe e o pai depois de tudo o que aconteceu, depois de fugir de casa. Nunca mais voltou a casa e sei que eles têm saudades dela. A mãe já me telefonou mais de uma vez perguntando

por ela. Sei que já se falaram, mas é raro, e é por causa da Jen. Talvez tenha mudado de ideias.

— Não. — Cospe a palavra como se fosse veneno e tira a mão do pescoço, endireitando os ombros. — Recuso-me a voltar para casa. Vou viver para Sacramento.

— Sacramento? Estás a gozar? Porquê? — Estou perdido. Não consigo vislumbrar os motivos dela, porque é que quer ir-se embora e que diabo é que Sacramento tem para oferecer que seja melhor do que aquilo que eu lhe dou.

— Preciso de mudar, está bem? Estou farta de cidades pequenas. Encontro sempre as mesmas pessoas. E a maioria delas, nem as quero ver. — Começa a dirigir-se para trás de mim. — Não devíamos estar a ter esta conversa aqui.

Agarro-a novamente e impeço-a de continuar. Aperto os dedos com força à volta do braço dela e puxo-a para mim, invadindo o seu espaço. O seu cheiro enche-me a cabeça, como uma flor exótica que impregna o ar, aromática e pesada. Intoxicante. O meu olhar desce para a boca dela, e momentaneamente fico paralisado quando morde o seu generoso lábio inferior.

Caramba. É pura tortura. Tê-la perto. Discutir com ela onde qualquer pessoa nos pode ver. Agindo como amantes no meio de uma acesa discussão...

Fingimos que não significamos nada um para o outro, mas está na hora de eu ser honesto comigo próprio. Ela está tão imersa no meu mundo que não a imagino fora dele.

Não *quero* imaginá-la fora dele.

— Em que outro sítio sugeres que tenhamos esta conversa, então? — pergunto, mantendo a voz baixa e o mais controlada possível. Enquanto, bem lá no fundo, me apetece descontrolar-me, gritar e partir tudo.

A Jen não pode deixar-me. Nem sequer consigo começar a compreender o que está a dizer.

— Na tua casa? — Revira os olhos e até se ri. — Não é que falemos lá, pois não? Nunca falamos em lado nenhum.

Libertando-a, dou um passo atrás, precisando de distância. A nossa situação é... estranha. Tomo conta dela por causa da minha sensação distorcida de culpa, e ela fica comigo porque não tem para onde ir.

Sei que reconhece tudo o que fiz por ela. Mantemos o nosso passado comum em segredo em relação aos outros empregados do restaurante, à exceção da Fable. A Jen confessou-lhe a nossa já longa ligação há uns meses.

Inicialmente, fiquei zangado por ela lhe ter contado sobre a nossa história comum. Depois ultrapassei. Gosto da Fable. É perturbada — era extremamente perturbada quando a contratei, mas saiu do seu casulo e ela e a Jen são hoje as melhores amigas. Até desenvolvi uma espécie de relação de amizade com o namorado dela. Quer dizer, nós os quatro saímos para jantar uma ou duas vezes, como se fosse um encontro de casalinhos ou coisa do género.

É estúpido que eu consiga manter o que há entre mim e a Jen tão descontraído, tão... fácil, mas não possa torná-lo uma coisa real. Uma coisa verdadeira. Tenho demasiado medo de dar um passo em frente e estragar tudo.

Tendo em conta que já dei cabo de algumas coisas na minha vida pessoal, é um receio legítimo.

— Queres mesmo falar quando chegarmos a casa? Então vamos falar — sugiro finalmente.

Os olhos abrem-se-lhe.

— Estás a falar a sério?

— Absolutamente. O que quiseres, é só dizeres.

Abro os braços e depois deixo-os cair junto ao corpo. Ela observa-me com aqueles olhos escuros imperscrutáveis, absorvendo-me, fazendo-me contorcer todo. Fica alta com os saltos altos, quase olhos com olhos comigo, e eu meço 1,85 m.

— O que eu quiser, tu dás-me. — É uma afirmação, não uma pergunta, e eu fico a pensar nela.

— É teu — concordo. — Quando é que te neguei fosse o que fosse? Ri-se, mas sem humor.

— Negas-mo quase todos os dias da tua vida.

Coço a parte de trás da cabeça, confuso. Ela quer dizer outra coisa qualquer, de certeza, mas não consigo perceber o quê. Além disso, estou morto de cansaço e sem vontade de entrar em joguinhos, apesar de a Jen não ser dessas coisas. Mas está a ser evasiva. Misteriosa. A tentar ludibriar-me, estou certo.

— Pede o que quiseres. Farei o que puder para te satisfazer.

Faço uma careta assim que as palavras me saem da boca. Pareço um patrão a falar, e sou mesmo.

Um pequeníssimo sorriso curva-lhe os lábios.

— Está bem então. Deixa-me ir. Deixa-me fazer isto, Colin. Não posso ficar dependente de ti para sempre.

Compreendo finalmente o que está em jogo e sinto-me parvo.

— É esse o problema? Sentes-te mal porque te ajudo? Tu nunca és um fardo, Jen. Sabes disso.

— Não, não sei, mas não é essa a questão. — Suspirando, o sorriso torna-se triste. — Valorizo a forma como me ajudas. Mais do que tudo. Sei que me tiraste de uma situação má antes de eu poder tornar-me... muito pior. Salvaste-me.

— Era o mínimo que podia fazer.

Um eufemismo que fica muito aquém da realidade. Se não consegui salvar o irmão dela, o meu melhor amigo, o mínimo que podia fazer era salvar a sua irmã mais nova.

— E fico-te eternamente grata por isso. Mesmo. Mas tenho de admitir que estou cansada de ser salva por ti. De ser o problema que estás constantemente a tentar resolver. Quero ir-me embora. Preciso da minha liberdade para tentar qualquer coisa nova e explorar outras opções. Ficar aqui nesta cidadezinha estúpida a fazer a mesma coisa todos os dias não vai resolver os meus problemas.

— Tu tens problemas?

Porque não me falou deles?

— Sim, montes deles. De vários tipos, mas tu nem notas porque estás demasiado ocupado com os teus. — E é verdade.

— Não quero dar-te a tua liberdade só para depois me deixares — murmuro eu, sentindo-me egoísta. A expressão da cara dela também me diz que ela pensa que sou imbecil por o dizer. — Pede-me qualquer outra coisa, Jen. Qualquer coisa. Eu... não te quero deixar ir embora. Ainda não.

A cara inunda-se-lhe de irritação, tornando-lhe os lábios finos, e os seus olhos semicerram-se.

— Pedir-te outra coisa?

— Qualquer coisa. Dou-ta. Sem perguntas.

— Está bem. — Respira fundo, como se precisasse de ar para ter coragem. — Quero-te a *ti*.

Jen

Ele fica de olhos arregalados como se eu tivesse enlouquecido, e talvez tenha razão. O que me deu para dizer aquilo? Ele vai rejeitar-me. Sinto-o no meu âmagô. E não o posso censurar. Não íamos dar certo. Sei disso. E ele também. Tenho um segredo enorme que não lhe conto e que ele nunca poderá saber. Só isso já nos impede de ter qualquer tipo de relação.

Mas não consegui evitar. Tinha de o dizer. Acho que secretamente ele me quer também.

— Tu não me queres — diz ele finalmente, olhando para o chão de cabeça baixa. Uma risada autodepreciativa escapa-se-lhe da boca. — Acredita em mim.

A cada novo dia que passa, ele parte-me novamente o coração. A maneira como acaba de dizer aquilo, todas aquelas palavras tão tristes, ameaçam despedaçar-me ainda mais o coração, já destruçado em mil bocados.

— Disseste que eu podia pedir qualquer coisa — lembro-lhe, com uma voz ténue. — Sem perguntas. — Devolvo-lhe as palavras dele porque posso.

Inclina a cabeça para trás e olha para o teto, parecendo andar à procura de palavras, algo que acho nunca ter visto antes. O homem é um falador. Um encantador. Tem de ser, com o sucesso que tem tido sendo tão novo. Está bem, o seu pai extremamente rico e negligente deu-lhe dinheiro para abrir o restaurante que possui, mas o resto que conseguiu foi tudo sozinho.

Também é bonito. E sabe-o. O cabelo loiro-escuro, o *piercing*, os olhos de um azul claro, e a cara... Não há palavras para o descrever. É demasiado belo.

— Estás a dar-me cabo da cabeça hoje — diz ele finalmente, ainda a olhar para o teto.

— Foi um dia esclarecedor para os dois — respondo eu, com a irritação a fazer-me atrevida.

Baixando a cabeça, estuda-me.

— Vou fingir que não disseste isso.

Fico possessa. Claro que vai fingir. É a história da vida dele. A maneira como funciona. Estou farta de fingir. Evitar. Fazer uma coisa enquanto digo outra.

A minha vida com o Colin parece irreal. Detesto-a.

— Força. Finge como de costume.

Apetece-me fugir, mas aguento-me, olhando-o fixamente.

Ele ignora o meu comentário.

— Temos de nos ir embora.

— Estou de serviço até à meia-noite.

E não estou preparada para me ir embora. Precisamos de acabar esta conversa. Além disso, e se formos para casa e ele me ajudar a fazer a mala para me ir embora? É a última coisa que eu quero que aconteça. Ainda não estou preparada para isso. Devia ter-lhe falado do meu plano com mais... delicadeza. Geri isto mal.

Mal, mal, mal.

— Sobreviveram sem ti nos últimos quinze minutos em que estivemos a falar. Acho que, se saíres mais cedo, não vai fazer diferença. Além disso, fui eu que te fiz o horário. Podes sair quando eu disser. — Faz um jeito rápido com a cabeça, com ar de patrão arrogante e controlador. — Vamo-nos embora.

E, como rapariga parva e obediente que sou, sigo-o.

Fomos para casa de carro e em silêncio, com o ar entre nós denso de tensão. Passei o tempo todo a mandar mensagens à Fable, dizendo-lhe que me enchi de coragem e avisei o Colin de que me ia embora. Achei que ia ficar contente por mim. Pelo menos, orgulhosa por eu ter encontrado coragem para o fazer.

Em vez disso, recebi uma série de mensagens lamechas como resposta, suplicando-me para não me ir embora. Quer dizer, mas o que é isto? Mesmo a minha nova melhor amiga está a tentar segurar-me. Esta cidade é demasiado pequena e toda a gente se conhece. Depois daquilo a que escapei por um triz recentemente, não quero arriscar-me outra vez. Prefiro sair e esquecer que este lugar algum dia existiu.

Vou ter saudades dos meus amigos. Vou ter saudades do Colin. Mas é melhor ir.

Nem sei bem como aqui vim parar. Cresci a cerca de duas horas de distância daqui, numa cidadezinha pequena, aparentemente idílica mas, na realidade, tremendamente aborrecida, nas montanhas. Onde toda a gente se conhece e o ar é fresco e límpido, impregnado do cheiro dos pinheiros. Onde a coscuvilhice é generalizada e os segredos que não são assim tão secretos vêm de várias gerações atrás. O Colin também lá cresceu; a mãe vivia na casa ao lado da nossa.

O pai nunca fez parte da vida dele. Estive com o Conrad Wilder algumas vezes, mas sempre pouco tempo, e não sei grande coisa sobre o homem. Só que é muito generoso com o dinheiro que tem — e tem montes dele, uma fortuna que herdou do pai dele quando morreu —, entregando-o ao Colin sempre que pode, em vez de os dois passarem algum tempo juntos.

Não que o Colin alguma vez se tenha queixado. Ele guarda a maior parte das emoções para si próprio.

Assim que chegámos a casa dele, fechei-me no quarto. Nem me dei ao trabalho de dizer «boa noite», «vamos falar mais», «vai-te lixar», «odeio-te» — nada. Só fugi dele pelo corredor, como uma cobarde. Tranquei a porta do quarto, tirei a roupa e enrosquei-me debaixo dos cobertores, fechando os olhos com força na esperança de que o sono me levasse depressa.

Não levou. Horas mais tarde ainda estou deitada, frustrada, cheia de calor, embora a ventoinha do teto gire preguiçosamente por cima de mim. Já tirei os cobertores, vesti só cuecas e um top velho, mas sinto que vou rebentar de tão irrequieta.

E depois oiço-o. O quarto do Colin é ao lado do meu e as paredes são pouco grossas. Felizmente que ele nunca trouxe cá uma mulher — pelo menos quando estou por casa. Ouvi-lo fazer... o que quer que pudesse fazer a outra mulher ia descontrolar-me.

Já estou no limite, presa por um fio muito fino graças ao Colin.

Começa sempre devagarinho. Um gemido, ou às vezes um rosnar, embora nunca seja feroz. Viro-me para o outro lado e fico de frente para a parede que partilhamos, esperando, com a respiração suspensa, pelo som seguinte.

A voz é gutural e profunda, ainda que não consiga bem distinguir o que ele está a dizer. Geralmente, não consigo. Quando começa a falar, esse é o meu sinal para sair da cama e ir vê-lo.

É isso o que faço.

O ar frio bate-me na cara quando abro a porta destrancada do seu quarto. Deixou as janelas abertas e a noite arrefeceu consideravelmente, sinal de que o outono vem a caminho. Pé ante pé, entro no quarto. Paro aos pés da cama, observando, impotente, enquanto ele se mexe e se vira, possuído pelos demónios que vêm ter com ele nos seus sonhos quase todas as noites.

Está escuro, mas distingo a sua forma ao luar que entra pelas janelas abertas. Está em tronco nu, claro. Os lençóis estão todos à volta da anca e os ombros largos e o peito brilham ao luar. Nunca o vi assim à luz do dia — nu e perfeito de fazer água na boca —, mas quero.

A voz ergue-se, agora compreendo o que está a dizer, e as palavras destroçam-me o coração.

— Tenho de o salvar. Tenho de o encontrar — ofega ele, como se estivesse a correr, à procura daquele que perdeu, e, sem pensar duas vezes, meto-me na cama com ele, enroscando-me atrás dele para poder passar os braços à volta da sua cintura.

Sei quem procura nos seus sonhos. Eu também costumava sonhar com ele. Logo depois de perdermos o meu irmão para sempre. Esta é a nossa perda partilhada, a forte ligação que nos tem mantido juntos, que o fez procurar-me quando fugi.

O Colin encontrou-me. O Colin salvou-me. O mínimo que posso fazer é tentar salvá-lo também.

Segurando-o contra mim, pouso o queixo em cima do seu ombro, a minha boca junto da sua orelha.

— Está tudo bem — sussurro ao mesmo tempo que passo as mãos pela sua barriga lisa e firme, sentindo-me mais ousada esta noite. Estou farta de me segurar, de conter tudo. Quero senti-lo, conhecê-lo de todas as maneiras íntimas possíveis. — Está tudo bem. Fizeste o que podias.

Os pesadelos perseguem-no. São negros e desesperados. Ainda que nunca fale sobre eles, não é preciso ser-se um génio para se perceber como são horríveis. Como o atormentam quase todas as noites. Nem sei como consegue viver assim. Age como se tudo estivesse bem à luz do dia. Feliz e despreocupado, como se nada o incomodasse. Mas às escuras, durante a noite, revela-se o seu outro mundo.

E não é nada bonito.

— Jennifer...

Murmura o meu nome, virando a cabeça para que a boca fique perfeitamente alinhada com a minha. Coloca as mãos em cima das minhas, que vagueiam por cima dele, entrelaçando os nossos dedos, e eu suspiro com o seu toque.

É como se nem se apercebesse do que está a fazer. Toca-me como se me quisesse possuir. Como se estivéssemos mesmo juntos. Mas nunca vamos além disto. Não há beijos, nada sexual. Se bem que a tensão e o calor que emanam do seu corpo não sejam apenas dos seus pesadelos.

É por causa de mim. Ele quer-me. O seu corpo responde sempre, sempre ao meu toque. Gostava que de uma vez por todas o admitisse.

— Desculpa. — Soa tão desamparado, tão desesperado... Detesto vê-lo assim. Inclinando a cabeça para ficar mais perto, os seus lábios tocam ao de leve nos meus quando fala. — Não me deixes.

E depois beija-me.

Capítulo 3

Jen

Os seus lábios são quentes e suaves; o beijo, simples. As minhas emoções são tudo menos isso, colidindo dentro de mim e desesperadas por se manifestar. Caóticas e descontroladas quando me dou conta de que esta foi a primeira vez que os nossos lábios se tocaram. Já beijámos a face e a testa um do outro, mas nunca os lábios.

Quero isto há tanto tempo, mas acho que... não, eu *sei* que está meio a dormir. Provavelmente nem se apercebe do que está a fazer... pois não? Chamou-me Jennifer e nunca, nunca me chama isso. Só me chama Jen.

A velha Jen com quem pode sempre contar.

O Colin liberta-me uma das mãos e procura-me, envolvendo-me a cara com ela, o polegar acariciando-me a face quando se vira mais completamente para mim. O seu peito roça o meu, os meus mamilos endurecem quase dolorosamente, e faço deslizar as minhas mãos pelo peito dele acima, passando pelos peitorais, envolvendo-lhe o pescoço com elas de maneira a enterrar os dedos no seu cabelo sedoso e suave.

Adoro tocar-lhe. Detesto que seja sempre tão secreto, a coberto da escuridão, do manto de pesadelo, da desolação da noite. Tenho os meus próprios segredos a esconder. Coisas feias e terríveis que me esforço por manter fechadas à chave, cá dentro. Se ele um dia descobrisse, sei que nunca voltaria a olhar para mim da mesma maneira.

Mas desta vez entre nós é diferente. As nossas bocas não se afastam uma da outra, com os nossos lábios a abrir-se furtivamente com cada passagem, mas recuso-me a ser a primeira a levar isto para um novo patamar.

Recuso-me? A questão é que tenho demasiado medo de aprofundar isto. E se ele me rejeitar? Acho que não saberia lidar com isso.

— Céus, o que tu me fazes...

Murmura as palavras contra os meus lábios, com a respiração quente quando expira, trémulo. A outra mão está na minha anca, puxando-me para si, e sinto-o. Cada centímetro abençoado e quente da sua pele nua e firme, os boxers que tem vestidos, a pressão da sua ereção debaixo deles.

Sai de mim um suspiro trémulo igual ao dele quando me apercebo de que está duro. As suas mãos deslizam pela minha face, para o meu cabelo, até que os seus dedos estão na parte de trás da minha cabeça, apertando-me as madeixas compridas até que não tenho alternativa senão inclinar a cabeça para trás, com a minha nova tatuagem a arder, o adesivo do penso a puxar-me os raros fios de cabelo que estão presos debaixo dele.

Dói, mas regozijo-me com a dor. Porque significa que estou viva e que o Colin está a tocar-me, a beijar-me. Quero mais.

Mais do que aquilo que estou disposta a pedir.

Muda de posição, ficando por cima de mim, dominando-me, e um arrepio delicioso perpassa-me pela pele, pelas veias, e aninha-se-me entre as pernas.

— Podia tomar-te assim. — A sua anca bate contra a minha num movimento lento e sensual que quase me faz revirar os olhos. Faço os possíveis por conter o gemido de prazer que se quer escapar, mas em vão. — Gostavas? — pergunta ele, com os seus lábios perfeitos a revirar-se para cima nos cantos. Está a olhar-me diretamente, com as pálpebras semicerradas, um olhar que me põe em brasa e quase me incendeia.

Não respondo. Perdi a voz de tão excitada, completamente descontrolada. Ao tentar levantar-me a cabeça para juntar as nossas bocas outra vez, puxa-me o cabelo, causando-me um arrepio de dor pelo pescoço abaixo. A minha pele acabada de tatuar dói-me, o penso não ajuda, mas ignoro tudo. Concentro-me no Colin, em como ele me tem presa. Sob controlo.

Ele gosta de controlo. Há anos que sei disto. Não fazia ideia de que se transpunha para o sexo, embora não me devesse surpreender.

— Mas não te vou possuir. Não te posso ter — diz ele com desilusão na sua voz profunda. Desce os lábios até ao meu pescoço, cobrindo a minha pele sensível com pequenos beijos quentes, e eu gemo, desejando estar nua.

Desejando que ele estivesse dentro de mim. Enchendo-me, possuindo-me como sugeriu. Fazendo-o com tanta força que os orgasmos se sucedessem após alguns minutos sem que me pudesse controlar.

Céus, quero-o mesmo desesperadamente.

O meu gemido parece tê-lo despertado do seu torpor e move a cabeça para trás, aliviando o aperto em que me tem como se eu o queimasse. Sai precipitadamente de cima do colchão num frene-sim que deixa tudo o que se passou desfocado. E num ápice está de pé junto à cama, passando as mãos pelo cabelo e agarrando a cabeça por trás enquanto olha para mim, incrédulo.

— Que raio acaba de acontecer?

Sento-me na cama e aliso o cabelo, afastando-o da cara, tremendo ligeiramente quando os dedos passam pelo penso.

— Não finjas que não sabes o que acaba de acontecer.

Olha por si abaixo e vê sem dúvida a sua ereção. Faz um daqueles sons de macho frustrado que ele sabe tão bem fazer.

— Diz-me que nós não...

— Não te preocupes. — Salto da cama e esforço-me ao máximo por ficar com um aspeto digno quando me ponho de pé à sua frente, sabendo que estou a falhar miseravelmente se tivermos em conta que estou de top transparente e cuequinhas. Eu devia estar embaraçada, mas que se lixe. — Nós, efetivamente, não... Como se tu não o soubesses.

Nem sequer houve língua no nosso beijo e estou completamente desesperada para saber qual é o sabor dele. Para saber se somos compatíveis como espero que sejamos quando se trata de beijos.

E a deceção apodera-se de mim, misturada com uma boa dose de irritação. A conversa que estamos prestes a ter vai descambar rapidamente.

— Porque estás na minha cama?

O olhar dele baixa e absorve-me, com aqueles seus olhos azuis quentes e inequivocamente excitados.

— Porque é que estou sempre na tua cama? Porque é que achas que venho ver-te pelo menos quatro vezes por semana a meio da noite e me meto debaixo dos lençóis contigo? Colin, palavra de honra que, se fingires que não sabes o que se passa aqui, te dou um par de estalos.

Tem a lata de se rir, o imbecil.

— Sabias que és muito sensual quando estás zangada?

— Isto não é brincadeira nenhuma. — Respiro fundo e digo a mim própria para ficar calma. Está a fazer o que faz sempre. A fingir que nada de sério se passa, a agir como se não fizesse ideia nenhuma do que efetivamente aconteceu.

É um mentiroso. Pergunto-me a mim própria se terá estado a brincar comigo durante todo este tempo.

— Sei que não.

As suas palavras praticamente me desafiam a que explique exatamente o que está a acontecer.

Por isso, atiro-me de cabeça.

— Nunca falamos sobre isso, sabes? — Dou um passo na direção dele, esquecendo a minha falta de roupa, demasiado focada na minha raiva. — O que acontece à noite entre nós. O que tem estado a acumular-se e a crescer desde que vim viver contigo.

Recua. A sua expressão é cautelosa.

— Como assim?

— Não faças de conta que não sabes. — Dou mais um passo à frente e fico mais próximo dele, o calor do seu corpo a irradiar para mim, tentando-me. Apesar da minha raiva e frustração, continuo a querê-lo e isso enfurece-me. — Os teus pesadelos, eu a entrar furtivamente na tua cama e a abraçar-te. Tentando fazer-te sentir melhor. Com o que é que sonhas, Colin?

— Não me lembro — diz ele automaticamente. Mas ele sabe. Tal como eu sei.

— Sonhas com o meu irmão. — Outro passo, e desta vez agarro-lhe a mão e não a largo. — Já lá vão quase dois anos. Tens de deixar o Danny partir.

Arranca a mão da minha.

— Não quero falar sobre isso.

— Temos de falar. É como se uma enorme parede estivesse entre nós. E, sempre que tento escalá-la, tu empurras-me.

Começo a avançar para ele outra vez, pronta para o empurrar, bater-lhe e não sei que mais, mas agarra-me primeiro. Envolve-me pela cintura com aquelas grandes mãos quentes e afasta-me como se não suportasse ter-me demasiado perto.

— Não vou fazer isto, Jen. Não agora.

A expressão na cara dele diz, na realidade: *Nem nunca*.

E é isso o que me faz saltar a tampa. Acabou.

— É por isso que não vou ficar aqui. Este sítio, toda esta situação, não é saudável. Ah, e a nossa pseudorrelação? Completamente doentia. Recuso-me a ficar a ver-te a fingir que nada está a acontecer, quando é óbvio que está. Não vou ser a única jogadora neste jogo.

Viro-me e dirijo-me diretamente para a porta, rezando para que ele venha atrás de mim, me agarre e me beije até eu perder os sentidos.

Pelo menos que me grite para parar, me suplique que oiça as suas explicações. Quero esse vislumbre da sua alma, do seu coração. A parede que ele construiu à sua volta é feita de aço, absolutamente impenetrável, e quero ser a única a derrubá-la.

Contudo, ele não faz nada. Absolutamente nada. Apenas me deixa ir, como de costume, sem dizer uma palavra.

Por isso, saio, não olhando para trás nem sequer uma vez. Tenho de recorrer a todas as minhas forças para não olhar para trás.

Quando chego finalmente ao meu quarto, com a porta firmemente fechada à chave e a janela escancarada para deixar entrar aquele ar deliciosamente frio da noite, caio na cama e choro. Soluços pesados e dolorosos tomam conta do meu corpo enquanto enterro a cara na almofada para que ele não me oiça. Deixá-lo é a decisão certa, a única coisa a fazer. Este carrossel em que eu e o Colin estamos não leva a lado nenhum. Chorar por causa dele? Também não faz sentido.

Quando o último soluço se me escapa, fico agradecida pela brisa fresca que seca as lágrimas no meu rosto. E ainda mais grata pelo sono que lenta mas docemente se apodera de mim.

Colin

Deixei-a sair do meu quarto e não tentei impedi-la. Que diabo se passa comigo? Com 24 anos e estou a agir como uma criança. Ela significa tudo para mim e estou sempre a deixá-la ir. Continuo a fingir que o que se passa entre nós não é real. Tudo para o bem dela, digo eu a mim próprio. Não quero magoá-la.

Balelas. O que não quero é magoar-me a mim mesmo. Correr riscos com a minha carreira não é um problema. Mas correr riscos com a minha vida pessoal?

Esqueçam.

Caindo na borda da cama, inclino-me para a frente e penduro a cabeça, com os cotovelos apoiados nos joelhos. A ereção que tinha antes, há muito que se foi, substituída por um monte de arrependimento que borbulha dentro de mim e ameaça sufocar-me. Ela tem razão. Menti. Sabia exatamente o que se tinha passado entre nós. Como me senti bem com ela, como ela sabia tão bem. Como ficou tão recetiva poucos segundos depois de eu lhe tocar.

Como um perfeito cretino, afastei-a, fingi que não sabia o que se estava a passar e basicamente alienei-a pela última vez. Saiu do meu quarto sem olhar para trás uma só vez, a fumegar sensualidade com aquelas cuequinhas que lhe subiam atrás e lhe exibiam as nádegas firmes e um top fino e transparente, que abençoadamente me permitiram perceber a cor e tamanho dos seus mamilos imediatamente antes de ela se virar e ir embora.

Eram pequenos e de um cor-de-rosa escuro.

— Raios.

Passo a mão pelo cabelo uma e outra vez, desalinhando-o e não querendo saber. O sonho não tinha sido tão mau esta noite. O Danny estava a chamar-me para o seguir pela mata como quando éramos miúdos. Corri atrás dele, acabando por o perder, como de costume.

Depois entrei em pânico quando percebi que ele tinha desaparecido. Quando me dei conta de que ele nunca ia voltar. Tenho variações do mesmo sonho há anos. Podemos ser miúdos, andar

na escola secundária ou até ter a idade que tínhamos da última vez que estivemos juntos, mas acaba sempre da mesma maneira.

Perco-o. Não o encontro. E, enquanto procuro por todo o lado, lentamente apercebo-me de que nunca voltará. O Danny está morto.

Desde que a Jen veio viver comigo, tem estado sempre presente sem fazer perguntas, entrando furtivamente na minha cama, reconfortando-me, e eu aceito-o sempre, deliciando-me com isso. E depois finjo que nunca aconteceu.

Bem, acabou-se. Preciso de deixar de agir como um cobarde e falar com ela. Antes que a perca para sempre.

Ponho-me de pé e avanço a passos largos e determinados para fora do meu quarto em direção ao quarto da Jen, consciente do facto de estar apenas de cuecas. Não é propriamente o melhor traje para uma conversa séria, mas enfim. Se tiver sorte, talvez ela me convide para a sua cama e possamos retomar as coisas onde parámos.

Pois, espera por isso.

A porta está fechada à chave, mas tenho uma chave suplente no friso da porta. Levanto a mão, procuro o metal frio com os dedos e agarro-a, metendo a chave na fechadura e virando-a até que a fechadura se abra. Em silêncio, entro sem querer assustá-la ou, pior ainda, perturbá-la se estiver a dormir.

Espero bem que não esteja a dormir.

Mas está, e fico esmagado pelo desapontamento. Aproximo-me da cama dela e vejo que está de lado, virada para a janela, as mantas aconchegando-a em volta dos ombros, os olhos fechados e os lábios em bico. Sem pensar, enfio-me na beira da cama o mais devagarinho que consigo, procurando o seu calor. Estendo a mão, toco-lhe no cabelo, deixando as madeixas castanhas deslizar por entre os meus dedos. É o oposto de mim. Ela tem o cabelo escuro e eu, loiro; ela tem olhos castanhos e eu, azul-claros; ela é doce e eu, rude.

Não a mereço. Afasto-a porque sei que é verdade. Mas como seria se eu cedesse? Só uma vez? E lhe mostrasse o quanto a desejo...?

A Jen vira-se, ficando de barriga para cima, e um suspiro leve escapa-se-lhe. Tiro a mão e deixo de respirar enquanto espero que acorde.

Não acorda.

Seguindo o meu instinto, estico-me ao seu lado por cima do edredão, passo-lhe o braço à volta da cintura e puxo-a para mim. Fecho os olhos e repouso a face em cima da cabeça dela, inspirando o seu cheiro, absorvendo a sua doçura. Só o facto de a ter aqui tão perto já me acalma o coração acelerado, tranquilizando-me os nervos. O sonho deixou-me agitado. O confronto com ela abalou-me ainda mais, até que a única coisa que queria fazer era varrer tudo para debaixo de um tapete virtual e fingir que nunca aconteceu.

Mas agora, aqui deitados juntos, abraçando-a, sou invadido por uma sensação de paz. Ela aconchega-se mais, a cabeça no meu ombro, a boca junto ao meu pescoço. Sinto a sua respiração na minha pele, provocando-me réplicas de arrepios por todo o corpo. É então que os lábios dela se movem, húmidos e quentes.

— Desta vez não vais poder negar que estamos na cama juntos — diz ela num sussurro sensual escutado sobretudo pelo meu baixo-ventre.

Bolas. Seguro-a com força, passando-a para debaixo de mim, sento-me nas ancas dela, e cá estamos de novo na estaca zero. Exatamente onde estávamos antes de tudo se desmoronar.

Desta vez, não vou deixar que isso aconteça.



Compromisso. É isso que eu quero do Colin. Desde que o meu irmão Danny morreu em combate que ele me tem ajudado imenso. Até me deu emprego no seu restaurante requintado para que eu pudesse deixar de ser uma simples empregada de mesa num clube de strip de quinta categoria. Mas confortá-lo quando ele tem os seus horríveis pesadelos, ainda que me permita estar junto dele na cama, já não me chega. Eu sei que ele se sente culpado pela morte do Danny, por não o ter acompanhado, mas não posso continuar a ter esta vida dupla.

Amo-o desesperadamente, mas ele enfrenta demasiados demónios. E se não se abrir comigo agora, nunca será o companheiro ideal que eu preciso que ele seja. Dei-lhe um mês e agora vou-me embora. Se ele me amar como diz que ama, saberá onde me encontrar.

«Prometes Amar-me? está carregado de emoção, drama, sexo ardente e um amor que podia estar escrito nas estrelas. Outro livro obrigatório de Monica Murphy.»

Holly's Hot Reads



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.topseller.pt

**TOP
SEL
LER**

os livros em primeiro lugar

20 20 editora

ISBN 978-989-8086-91-4



9 789898 086914

Ficção Romântica